



OLHO DO DONO (NO COCHO) É QUE ENGORDA O BOI!

Ainda em 2011, o setor de alimentação animal para bovinos de corte produziu 2,7 milhões de toneladas de rações e 2,35 milhões de toneladas de suplementos minerais, período que confinou 2,8 milhões de cabeças e foi caracterizado pela modesta oferta de bois compensada pelo abate de mais fêmeas. Apesar dos relativos bons preços pagos ao boi gordo, o desembolso com alimentação representou 35% do custo do confinamento e diminuiu a rentabilidade do produtor. No ano seguinte, o fornecimento de rações retrocedeu mais de 5% e alcançou apenas 2,6 milhões de toneladas em resposta à redução do número de animais alojados por causa do custo elevado da alimentação concentrada e da pressão sobre o preço da arroba.

Já em 2013 a demanda retrocedeu e alcançou 2,52 milhões de toneladas. A constatação do boi magro e bezerro valorizados, combinada ao valor da arroba do terminado durante boa parte do ano, determinou relação de troca aquém da expectativa e desestimulou a reposição. Por sua vez, em 2014 a escassa oferta de bezerras e do boi magro valorizou a arroba e comprometeu a reposição do boi terminado. Neste ano, as quantidades respectivas de sal mineral e ração demandados alcançaram 2,43 milhões e 2,67 milhões de toneladas. Em 2015, o alto custo da reposição de boi magro e, sobretudo, o desajuste entre a oferta e demanda de bezerras, comprometeram a intensificação dos projetos de confinamento e semiconfinamento. O saldo frustrou as expectativas e redundou em 2,73 milhões de toneladas de rações e 2,5 milhões de toneladas de sal mineral demandados.

Enquanto isso, durante 2016 a oferta foi restrita por causa do retrocesso nos abates e redução no peso das carcaças, a arroba permaneceu valorizada e o patamar de preço incomodou bastante o bolso do consumidor, apesar da preferência nacional pela carne bovina. O custo alto da alimentação para os regimes de confinamento e recria/engorda e a di-

ficuldade da reposição por causa do preço do bezerro frustraram as expectativas e redundaram na demanda de pouco mais de 2,5 milhões de toneladas. Ao longo de 2018, a produção de rações/concentrados para bovinos de corte alcançou 2,6 milhões de toneladas, sobretudo por conta da resiliência dessa cadeia produtiva que também foi profundamente castigada pela paralisação dos caminhoneiros.

Já em 2019, o consumo de rações alcançou praticamente 5,2 milhões de toneladas (importante salientar que a partir de 2019 a demanda de rações passou a considerar também o rebanho semiconfinado), sobretudo incentivado pela valorização crescente da arroba no segundo semestre daquele ano. A tendência de escassez de oferta de bois terminados e os embarques demandados pelos chineses impulsionaram o preço pago pelos frigoríficos e inflacionaram a carne bovina no varejo no período próximo às festas de final de ano. Durante 2020, a produção de rações e concentrados para bovinos de corte alcançou quase 5,5 milhões de toneladas e avançou 6%. Apesar do cenário ter prejudicado a rentabilidade dos repositores e criadores, resultado da grande valorização do bezerro e dos preços dos concentrados e sal mineral, a piora das pastagens exigiu a complementação com milho, farelo de soja e algodão, DDGS, etc.

Já no ano passado, muito embora a cadeia pecuária de corte tenha sido afligida pelas péssimas condições de pastagens, custo proibitivo dos grãos, da suplementação mineral e dos concentrados e outros insumos indexados ao dólar, o confinador vislumbrou a arroba favorecida pelo efeito da paridade do preço pago pela carne bovina exportada, conseguiu compensar em boa medida o impacto da inflação do câmbio desvalorizado e, assim, investir na suplementação mineral e na alimentação industrializada. A produção por rações somou mais de 5,7 milhões de toneladas, enquanto a demanda por sal mineral avançou mais de 15%. ■



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA